Diário de bordo da disciplina LCF-5875- 1º semestre de 2019. Prof. Dr. Marcos Sorrentino

Alex Augusto de Abreu Bovo, Nº USP: 5972539

**1º aula – 04/04.** Por ter anotado a data presente no Janus e não ter me atentado ao e-mail enviado pelo professor, perdi a aula pensando que a disciplina começava na semana seguinte.

**2º aula – 11/04.** A aula iniciou com o professor retomando o que foi discutido na aula anterior e nos presenteando com um vídeo e dois textos. O vídeo, muito interessante, apresentava a imutabilidade do sistema de ensino, sendo ainda algo similar ao que era realizado mais de um século atrás. Os textos discutiam a mesma linha de pensamento. As classes foram divididas em grupos para que dentro de cada um, fossem apresentadas as biografias e discutido um pouco sobre a leitura que cada um fez na semana anterior. Então cada grupo apresentou pra classes i) os proximidades e distanciamentos das histórias de vida dos membros e ii) alguns fundamentos presentes nos textos socializados (o que é educação, escola, ensino e aprendizagem; qual a utopia educadora do grupo; quais os principais desafios do século XXI. Ao final da apresentação e discussão, foram formados os grupos que conduzirão as aulas finais da disciplina, e ficou como tarefa, a leitura em grupo do livro “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas”, de Miguel Zabalza. Gostei muito da primeira aula. Fiz Licenciatura em Ciências Biológicas na ESALQ e essa parte do curso foi algo que não me cativou nem um pouco, devido ao modo como as aulas eram realizadas. Embora eu goste de dar aula e tenha gostado do estágio realizado na licenciatura, as aulas eram sempre iguais, com o professor expondo um tema de modo pouco interessante. As discussões presentes na sala de aula, especialmente com o embasamento teórico do professor e dos alunos (após as leituras sugeridas na primeira aula) fez muito sentido e me chamou a atenção para diversos pontos relacionados à docência. Sai da aula bastante animado para o restante da disciplina.

**3º aula – 25/04.** A leitura do capítulo 4 do livro do Zabalza (Formação do docente universitário) foi muito interessante e atual. Na introdução, o autor se apresenta como sendo um espanhol, e que devido a maior parte de sua formação na Espanha, os exemplos talvez fossem muito voltados para esse país. Porém, ao ler o texto, em muitos momentos eu via muita relação com o que estamos vendo nas universidades brasileiras. Muito do que sempre vejo em discussões com outros estudantes e professores, foi tratado nesse capítulo, me possibilitando enxergar de um modo mais sistêmico como alguns problemas e desafios se relacionam. Além disso, o autor apresenta alguns problemas em forma de dilema (dilema entre X e Y, onde X e Y são dois opostos), o que auxilia a entender melhor o assunto e a traçar uma trajetória intermediária que tente abordar os pontos positivos de ambos os pontos. A aula em si, começou com um documentário sobre uma comunidade africana e o processo de construção de políticas comunitárias visando a preservação do ambiente frágil do arquipélago em que se encontram. Durante a discussão do vídeo e da avaliação da aula anterior, feita através do Stoa, foi citada pelo professor uma definição de esquerda e direita, senda a primeira uma política inclusiva, onde a construção é feita com as pessoas, e a segunda, uma política onde as decisões vem das pessoas que estão no poder para a população. Houve também outro presente, da colega Mariana, lendo uma parte do prefácio (escrito por Leonardo Boff) de um livro elaborado pela UNESP Rio Claro. Discutimos sobre a leitura do livro Zabalza com o grupo e cada grupo colocou na lousa os seguintes aspectos da leitura: filosofia, políticas públicas, estrutura, pedagogia e outros temas que julgássemos interessante. As discussões foram muito boas, sendo que as percepções que tive sobre o texto foram compartilhadas também por outros estudantes.

Após o almoço tivemos uma palestra com o Prof. Gerd Sparovek, do Departamento de Solos, com o tema “usos do solo no Brasil e a questão agrária”. Apesar do tema, Gerd nos trouxe inicialmente informações sobre o uso do solo brasileiro para a produção de diferentes fontes de alimentos e proteínas, e passou a tratar de temas mais abrangentes, envolvendo os motivos que impulsionam as atuais visões desenvolvimentistas a qualquer custo. Muito interessante, ainda mais no atual momento político, pensar e explorar como o modo de consumo e de entender o que é “desenvolvimento” influencia o gerenciamento dos recursos naturais. A palestra foi finalizada com frases impactantes, onde nos foi apontado “que o planeta deixado pela geração mais velha para a nossa é um planeta mais poluído” e “que a expectativa atual de vida é menor que a da geração anterior”. Foi uma palestra profunda e muito boa, originando uma interessante discussão entre os presentes e o próprio Gerd, após o final da apresentação. Para finalizar o dia, os participantes da disciplina se reuniram e discutiram o tema abordado na palestra e as lacunas que não foram abordadas.

**4° aula – 02/05**. Nesse dia iniciaram as apresentações dos grupos, sendo cada um responsável por um período (manhã ou tarde). Antes do grupo apresentar, o professor Marcos trouxe um presente dado pelo professor Mario Tomazello: duas reportagens tratando do tema Meio Ambiente publicados em jornais. O grupo, formado pelo Luã e Isabela fizeram uma atividade para o entendimento de três termos: práxis, diálogo e bem viver e agroecologia. Os grupos se reuniram para discutir e apresentaram para a classe o que foi discutido. O plano de ensino apresentado foi o da disciplina Projetos de Educação Ambiental, que existe desde 1989 e está sendo reformulada devido à aposentadoria do professor responsável. Faço parte do grupo 2 (Alex, Bárbara, Isabela e Pedro, que foi responsável pela atividade na parte da tarde. O tempo e a falta de familiaridade com o tempo foram fatores desafiantes para a preparação do plano de ensino, do plano de aula e da atividade. Nossa atividade iniciou com uma exposição sobre interdisciplinaridade, o método utilizado (a Aprendizagem Baseada em Problemas) e o tema focado (sistemas agroalimentares). Utilizamos um vídeo sobre o método, um texto sobre o tema e finalizamos a primeira parte apresentando um vídeo da Rede Guandu. Na segunda parte, realizamos a atividade pensada como uma aula durante a disciplina elaborada (Resolução de Problemas Agroalimentar), mas aplicada para os colegas da disciplina. Utilizamos nessa discussão, não o tema pensado, mas o próprio desafio de elaboração da disciplina. Enquanto os grupos discutiam, recebemos um retorno do professor sobre as diversas falhas existentes no plano e a aula finalizou com uma discussão da classe toda sobre o plano de ensino. Foram apontadas muitas falhas e pontos a ser melhorados.

**5º aula – 09/06.** As atividades da manhã foram coordenadas pelo grupo 3, formado pela Amanda, Anani, Lukas e Taísi. A atividade iniciou com uma meditação da montanha, onde fomos convidados a fechar os olhos e nos imaginar a caminho de uma montanha, onde havia uma cabana e um sábio. O sábio falou da importância da coragem, e para representar essa coragem, ganhamos uma pequena muda de tomate cereja. Realizamos também uma atividade em que cada estudante escreveu num papel “como motivar uma turma desmotivada” e colocou numa bexiga. As bexigas foram aleatoriamente trocadas e cada um leu o papel da bexiga que pegou e comentou o conteúdo. De um modo geral, foi falado sobre a importância de entender a realidade de cada turma, ou seja, as motivações que levam a turma a estar desinteressada pela aula, e de promover a curiosidade sobre o tema. Para isso, exemplos foram citados, como uma conversa informal com os alunos, pra entender o que os alunos sabem sobre o tema, quais as primeiras impressões, como ele pode estar presente na vida dos alunos. Essa questão é possivelmente o grande dilema para os professores, e eu tenho lidado com ela desde que fiz as primeiras atividades durante a licenciatura. Dar aula e compartilhar conhecimento, explicar como algumas coisas funcionam, ver o fascínio das pessoas ao aprender algo novo é algo mágico, porém é muito difícil trabalhar em uma turma onde não há motivação, e consequentemente, respeito pelo professor. É um tema muito complexo e, a meu ver, depende muito do perfil de cada pessoa. Acho que para que a turma se sinta cativada pelo professor, é necessário o uso de técnicas como linguagem próxima à dos alunos, capacidade de entendimento e rapidez para alinhar o tema à realidade dos alunos. A proposta do grupo foi reconstruir uma disciplina já existente e com diversos problemas. A disciplina “Recursos Florestais e Propriedades Agrícolas” é oferecida para alunos da Engenharia Agronômica e conta com uma forte resistência por parte dos alunos, que não julgam importante, e por parte dos professores, devido ao curso dos alunos. Essa dupla resistência faz com que ninguém goste da disciplina, mesmo que essa seja fundamental para a formação dos agrônomos. O grupo apresentou o plano de ensino e promoveu um debate dividindo a classe em 2 grupos, um contra e um favorável à adequação ambiental. A ideia de disciplina e as discussões sobre ela foram muito boas, incluindo a sugestão de que houvesse uma disciplina sobre Recursos Agronômicos para a Engenharia Florestal. Foi bastante discutido sobre como os cursos possuem bases parecidas e que são de grande importância para ambos os cursos, porém preconceitos de estudantes e docentes fazem com que haja uma segregação. O debate promovido não foi uma atividade muito interessante, pois não promovia o diálogo, e sim, uma ‘briga’ utilizando argumentos válidos ou não.

A tarde, o grupo 4 (Elias, Kálita, Lucas e Magda) iniciou as atividades apresentando diferentes imagens para grupos de estudantes. Cada pessoa escreveu o que lhe vinha à mente. As sensações foram compartilhadas pelos grupos e as imagens foram somadas formando uma imagem apenas. Foi discutido como cada pessoa tem uma visão diferente e como é diferente considerarmos fragmentos ao invés do todo. O grupo propôs uma disciplina chamada “Diagnóstico e planejamento da recuperação ambiental”, utilizando a pedagogia de projetos. Acho que o ponto mais interessante da aula foi a divergência de ideia entre membros do grupo. Isso me fez levantar uma questão apresentado quando o meu grupo apresentou o trabalho. Na ocasião, foi questionado como faríamos com que uma disciplina com 7 coordenadores fosse viável. Dentro do meu grupo, tivemos algumas pequenas divergências, mas tudo foi resolvido conversando e discutindo. Foi um grupo fácil de trabalhar devido ao perfil de nós quatro. Para o caso do grupo 4, porém, ficou claro que a divergência de pensamentos afetou o grupo significativamente. Embora isso tenha sido um “problema”, foi uma boa oportunidade para discutirmos como lidar com isso e com o fato de quem nem sempre é necessário encontrar um ponto médio entre os diferentes pensamentos. Na segunda parte, através do uso de imagens, foi nos proposto que discutíssemos e definíssemos os seguintes termos: “conservação ambiental”, “natureza” e “preservação ambiental”, e os motivos pelos quais eles surgiram. Ao final da aula, discutimos os cortes recentes e a atual política em relação à educação, bem como a importância em levar para fora da universidade aquilo que fazemos.

**6º aula – 16/05.** A aula iniciou com a resenha da aula anterior. Novamente o professor destacou o que foi discutido semana passada, sobre a dificuldade de trabalhar em equipes. A atividade foi conduzida pelo grupo 5 e iniciou com um presente, a roda de sensações. Fomos vendados e mudas de diversas ervas foram colocadas em nossas mãos, para usarmos o olfato e o tato para identificar sensações causadas. As sensações foram compartilhadas entre a sala. A disciplina proposta tinha como ideia promover a divulgação do saber científico, e para isso, seriam apresentadas técnicas audiovisuais, bem como diferentes plataformas. Foi nos apresentado como exemplo, um vídeo onde um estudante mostra de maneira bastante animada o tema de sua pesquisa. Mais tarde, alguém chamou a atenção para a possibilidade de que a “animação” acabasse tomando conta do tema e que o conteúdo não fosse nem um pouco assimilado pelo espectador, e assim, o objetivo de compartilhar o tema não fosse alcançado. Após a apresentação do plano, foi proposta uma atividade para ouvirmos de um colega sua pesquisa em 2,5 minutos e compartilhar com a classe, e depois, um tempo para estruturarmos e apresentarmos nossa pesquisa com termos não técnicos em 1 a 2 minutos. Essa atividade chama a atenção para a dificuldade que temos em compartilhar nossa pesquisa para o público leigo, e de certa forma, contribui para que a população veja ciência como algo muito distante.

O grupo 6 organizou uma tarde muito agradável com um tema pouco adorado entre os estudantes: a matemática. Primeiramente houve a apresentação da fábula das pedras, onde foi nos apresentado um pote de vidro e pedras grandes, que foram colocadas no pote, após a turma concordar que caberiam. Seguiu-se o mesmo procedimento com pedras menores e água. A intenção era que cada um tivesse sua própria interpretação em relação ao significado. A disciplina “Ansiedade matemática e transposição didática” foi apresentada e tinha como principal objetivo discutir os motivos pelo qual as pessoas se sentem tão acuadas pela matemática e como resolver essa visão equivocada. O grupo finalizou a parte da tarde com uma atividade muito didática e interessante, onde foi construída prancha dendrométrica a partir de demonstrações simples e lógicas de matemática. A prancha é capaz de medir árvores de maneira simples e sem necessidade de equipamentos complementares. Achei essa atividade muito boa, pois para mim é fascinante ver como a matemática é capaz de explicar muita coisa. Ao mesmo tempo que fiquei fascinado, notei algo que percebo existir desde o ensino médio. Naquela época, já percebia que os colegas tinham uma preocupação maior em dizer que matemática é difícil do que em tentar entender. Durante as atividades, não foi abordado nenhum tema complexo, porém e muitas ocasiões eu notei alguns colegas se lamentando, e se recusando a seguir o raciocínio lógico e simples. Pra mim isso reflete bem como a matemática é vista atualmente. Aqui eu lembrei da atividade com bexigas envolvendo o grupo 3. É necessário mostrar aos alunos como a matemática é muito presente no nosso cotidiano, e ao mesmo tempo, mudar a concepção de que é algo muito complexo. É óbvio que na graduação, ao ter aulas de cálculo, passei a entender que realmente existem complexidades difíceis de serem compreendidas, mas não acho cabível que essa mentalidade surja logo nas primeiras séries do ensino infantil.

**Autoavaliação**

Para a minha autoavaliação, irei dividir minha participação na disciplina:

**Presença**: considero muito importante a presença do estudante nas atividades em classe. Faltei na aula inicial por falta de atenção, pois olhei no início do semestre o Janus, e fiquei aquela data com inicial, mesmo tendo recebido o e-mail do professor sobre a nova data de início da disciplina. Estive presente nas demais aulas, tendo mais de 85% de presença.

**Participação em sala de aula**: desde sempre eu fui um estudante tímido e com pouca participação em sala da aula, porém, acho que essa foi a primeira disciplina que eu fiz em que todos os alunos participavam das discussões, inclusive eu. Obviamente alguns participavam mais do que outros, e em certas ocasiões eu me sentia um pouco inibido por ser uma área onde não tenho muito conhecimento. Porém, avalio minha participação como positiva.

**Trabalho**: juntamente com o meu grupo, trabalhamos e apresentamos o que nos foi proposto. Acho que o grupo trabalhou de forma harmoniosa e bastante produtiva, com diversas convergências. Nos momentos de divergência, houve discussão e um acordo entre o que faria mais sentido perante o objetivo do grupo.

**Diário de bordo e atividades fora de sala**: como proposto, o diário de bordo foi feito e as leituras foram realizadas, exceto no dia que precedeu a apresentação do nosso trabalho, quando não consegui ler o texto proposto pelo grupo 1, e na segunda aula, onde eu não sabia o que deveria ter sido feito (fichamento de um texto e biografia).

De um modo geral, daria 9 (A) para a minha participação, pois cumpri quase totalmente o que foi proposto. Em relação ao trabalho em grupo (e aqui destaco por envolver outros estudantes), considero-o com nota 10.